

Tarifaço e o crepúsculo da potência norte-americana

ANNA LUIZA FAGUNDES E CECÍLIA DIAS¹

A escalada tarifária recente do presidente Donald Trump revela um passo mais adiante rumo ao desmantelamento da ordem comercial internacional. Desde o início do ano, a acirrada guerra comercial entre os Estados Unidos e o resto do mundo, com marco no *Liberation Day* do dia 2 de abril, vem gerando disrupções e transbordamentos em diversas cadeias de suprimentos. Contraditoriamente, os impactos dessas ações tendem a ser negativos principalmente para a economia norte-americana (Harithas; Meng; Brown *et al.*, 2025).

Neste estágio, as mais recentes declarações estadunidenses, mediante envio de cartas endereçadas a diferentes nações, provocam reações críticas no cenário internacional, abalando dinâmicas de poder globais e levantando questionamentos sobre a confiabilidade dos Estados Unidos da América (EUA) enquanto ator central no sistema internacional. Ao priorizar questões domésticas e ideológicas, enfatizando a “redução do déficit comercial” por meio dessas medidas e da evidente intenção de interferir diretamente em assuntos internos, a potência passa a ser vista com crescente desconfiança por parte de governos e de agentes econômicos ao redor do mundo.

Desse modo, no atual quadro de interdependência global, a aplicação reiterada de medidas econômicas coercitivas mina a habilidade dos EUA de preservar sua hegemonia fundamentada no consentimento e no reconhecimento legítimo. Assim, esta análise visa trazer luz sobre como o tarifaço, implementado pelo presidente Donald Trump, se incorpora a um contexto de declínio da hegemonia norte-americana, a partir do desencadeamento de reações externas que afetam ainda mais a legitimidade do país e a sua confiabilidade internacional.

¹Esta análise foi finalizada no início de agosto. Eventuais mudanças significativas no desenrolar dos acontecimentos, que ocorreram desde então, não foram consideradas pelas autoras.

Da erosão da legitimidade...

No que tange ao declínio da hegemonia norte-americana, o debate acadêmico permanece sob dissenso. Para alguns autores, como Arrighi (2006), esse declínio configura-se como um processo cíclico inerente e previsível à dinâmica hegemônica, tal como ocorreu com a veneziana, durante o Renascentismo, e com a inglesa, na era da Revolução Industrial. Em contrapartida, Susan Strange (1987) contesta essa ideia, dispondo ao poder estrutural um papel mais determinante na solidez da influência de um *hegemon*. Nesse sentido, Strange elenca quatro dimensões estruturais que sustentam o ideal de hegemonia estadunidense — dentre elas, a financeira. Com base nisso, Strange disserta que a percepção de perda da hegemonia norte-americana configura-se como um mito, não comprometendo, assim, a totalidade de suas bases estruturais de poder.

Quanto à estrutura financeira, os EUA passaram por múltiplas situações desde o início do século XXI que, apesar de não findarem com sua supremacia econômica, colocaram em xeque essa hegemonia, como a crise financeira de 2008, a ascensão econômica chinesa e o aumento da desdolarização. Nesse sentido, este segundo mandato de Donald Trump intencionava, ideologicamente, sua restauração. A premissa era de que a “era de ouro da América”, enunciada em sua posse, se iniciaria para recuperar a liderança global dos EUA e torná-los “grandes novamente” (Hammond, 2025). No entanto, a concretização e a viabilidade dessa restauração, via tarifas que chegaram a patamares proibitivos a algumas nações, vem se revelando limitada e controversa.

O denominado “tarifaço” promovido por Trump representa um marco na economia internacional ao instituir uma política tarifária universal, com alíquotas iniciais de 10%, acrescidas de tarifas adicionais sobre produtos específicos (White House, 2025a; 2025b). A justificativa oficial para essas medidas baseou-se em déficits comerciais persistentes, práticas comerciais desleais e a perda da base industrial americana, que deveria se reindustrializar. No entanto, ao impor tarifas ampla e indiscriminadamente a quase todos os países (185), incluindo aliados históricos, os EUA minam sua própria posição de liderança no sistema global de comércio baseado em regras que ajudaram a edificar — e os beneficiaram — desde o período pós-Segunda Guerra.

Tais medidas, portanto, trouxeram uma instabilidade que compromete a confiança dos mercados, fragmenta

cadeias globais de produção e enfraquece a legitimidade dos EUA. A título de exemplificação, esse cenário de incerteza se concretiza com o rebaixamento da nota de crédito dos EUA pela agência Moody's (CNN, 2025), reforçando a percepção de menos estabilidade nas políticas fiscais e monetárias do país, apesar de um efeito prático moderado. Esses fatores contribuem para a imagem de um afastamento gradual dos Estados Unidos do papel de liderança que tradicionalmente desempenhou na ordem internacional.

Ademais, para Strauss e Foster (2025), mais do que uma medida emergencial, as tarifas tendem a se tornar rígidas e persistentes, conforme precedentes históricos, especialmente quando se consolidam como instrumentos de arrecadação e de proteção eleitoral. O custo político de sua reversão é elevado, e a substituição das importações tarifadas é, em geral, inviável. Esse efeito estrutural negativo do tarifaço compromete tanto a legitimidade internacional dos EUA quanto sua capacidade produtiva interna ao elevar custos, provocar escassez, pressionar a inflação e reduzir o investimento — efeitos análogos aos de choques de oferta históricos.

Nesse contexto, a diplomacia comercial dá espaço para a coerção econômica. A publicação de Trump via X (ex-Twitter) em 2018, de que “guerras comerciais são boas e fáceis de vencer”, revela sua visão deturpada do comércio internacional como um “jogo de soma zero”, segundo Posen (2025). Contudo, essa guerra tarifária, na prática, mina a confiança global nos EUA e isola-os diplomaticamente, ao passo que desestrutura o sistema multilateral que sustentava sua liderança e amplia a margem de manobra da China, que se apresenta como potência alternativa mais previsível e menos ofensiva — que respeita as “regras do jogo”. Desse modo, ao invés de restaurar a hegemonia americana, o tarifaço propulsiona seu declínio, configurando uma nova “Guerra do Vietnã comercial” — custosa, impopular e difícil de vencer (Posen, 2025).

Assim, longe de fortalecer os EUA, o tarifaço promovido por Trump representa um movimento de autossabotagem hegemônica, reforçando a ideia de que o país está cada vez mais isolado e incapaz de exercer liderança consensual no sistema internacional. Essa política trumpista do “America First” desestabiliza o sistema econômico global construído pela ordem pós-Guerra norte-americana, sobretudo pelas intenções objetivadas.

... ao modelo extorsivo de proteção

As medidas tarifárias implementadas pelo governo dos EUA, sendo interpretadas como instrumentos de coerção econômica, visam pressionar outros países a aceitar negociações, muitas vezes em termos desfavoráveis, distanciando-se do consentimento mútuo. Um exemplo evidente dessa estratégia é o acordo firmado com a União Europeia, que impôs uma tarifa de 15% sobre as exportações do bloco — um valor nove vezes superior às tarifas vigentes antes do retorno de Trump à presidência — e contrapartidas comerciais prejudiciais (The Economist, 2025).

A perda de confiança dos parceiros é visível, sobretudo pelas reações de aliados tradicionalmente históricos, como México, Canadá, Reino Unido e União Europeia, que expressaram desconforto ou adotaram contramedidas diante do novo cenário. Mesmo no caso da China — que, embora não seja aliada direta, mantém relações econômicas significativas com os EUA —, o agravamento das tensões comerciais contribui para acelerar o processo de desgaste da credibilidade americana.

Nesse sentido, apesar da postura diplomática e comedida da presidente do México, Claudia Sheinbaum, o país se posicionou fortemente contra as medidas impostas por Trump. Tanto o México quanto o Canadá não foram sobretaxados no *Liberation Day*, mas sim, antes, em taxas de 20 a 25% a produtos não compatíveis ao acordo de livre comércio entre as três nações — o USMCA (York; Durante, 2025). Atualmente com tarifas em patamares de 30%, o México busca um acordo comercial e indica que tais medidas são injustificadas e prejudiciais para ambas as nações, e ameaçando retaliações (Lima, 2025).

Outro parceiro comercial imprescindível para os EUA, o Canadá, também repudiou fortemente as tarifas. O primeiro-ministro canadense, Mark Carney, vinha destacando como essas medidas prejudicam os canadenses e afirmou que retaliaria via taxaço de serviços digitais em junho — ponto sensível às *Big Techs* (CNN, 2025). Contudo, esse movimento só gerou mais imbróglio e uma escalada norte-americana ainda maior, o que levou a um recuo da medida. Vale salientar que esse posicionamento mais firme de Carney contra Donald Trump contribuiu para a vitória do Partido Liberal nas últimas eleições, contrariando as pesquisas

eleitorais que indicavam uma ampla vantagem ao Partido Conservador (Dubey, 2025).

A União Europeia também se colocou como uma forte opositora das medidas do governo norte-americano. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, classificou as medidas como um duro golpe para a economia mundial, afetando de forma mais profunda indivíduos mais vulneráveis (Barnes, 2025). O bloco, entretanto, recuou com a sua postura mais consistente e cedeu às condições norte-americanas no acordo firmado em agosto, que foi duramente criticado por líderes europeus, como o presidente e o primeiro-ministro da França, além do presidente da Hungria (Estadão, 2025).

A China, por sua vez, o maior alvo dessa guerra comercial, reagiu robustamente, afirmando que vai “lutar até o fim” se os EUA continuarem com as medidas tarifárias, retaliando a cada anúncio de Trump (Davidson, 2025). Diante da imposição de tarifas de 145% sobre produtos chineses no início do ano, a China reagiu aplicando uma taxa de 125% aos bens norte-americanos, evidenciando seu poder de barganha como segunda maior economia mundial. Mais recentemente, como resultado das rodadas de negociações ocorridas em Genebra, em Londres e em Estocolmo, Washington recuou estabelecendo uma alíquota de 30% sobre os produtos chineses e uma maior liberalização no comércio de chips, tópico sensível diante da disputa pela hegemonia tecnológica, além de adiar o prazo para aplicação dessas medidas (Hunnicut et al, 2025). Em contrapartida, Pequim fixou uma tarifa de 10% sobre os itens importados dos EUA (Buchwald, 2025) e as perspectivas de desescalada entre ambos os países indicam a possibilidade de um acordo comercial ainda este ano, com um possível encontro entre Trump e o presidente chinês Xi Jinping até dezembro.

Embora o governo norte-americano esteja prosseguindo com algumas negociações, a percepção de imprevisibilidade e falta de confiabilidade dos EUA não será facilmente revertida. A constante alternância entre a imposição, a revogação e as isenções tarifárias projeta o país como um parceiro instável, ampliando a incerteza entre seus maiores interlocutores econômicos. Em um cenário de interdependência global, a adoção sistemática de mecanismos coercitivos corrói a capacidade dos EUA de sustentar sua hegemonia com base no consentimento e na legitimidade, levando a uma mudança por fluxos comerciais alternativos aos EUA e ao estabelecimento de mais acordos comerciais fora do eixo estadunidense.

O reflexo dessa conjuntura também pode ser observado em levantamentos internacionais de opinião pública. Uma pesquisa conduzida pela Ipsos em 29 países revelou que, em 26 deles, houve queda na proporção de pessoas que acreditam que os EUA exercerão uma influência positiva nos assuntos globais nos próximos dez anos. O mesmo estudo apontou que a percepção de influência positiva da China superou a dos EUA em diversos países, sinalizando uma inflexão na liderança global percebida (Lissardy, 2025). Articulando esse dado à concepção de hegemonia como sustentada pelo consentimento, pela legitimidade e pela percepção internacional, evidencia-se uma mudança de paradigma: os EUA vêm perdendo as bases simbólicas e materiais que sustentam a sua liderança, aproximando-se de um modelo hegemônico baseado na imposição, não no consenso, o que pode ser evidenciado pelo distanciamento de seus maiores aliados.

Adicionalmente, as tarifas contribuem para o desgaste da imagem interna do governo: 89% dos adultos acreditam que elas poderão encarecer produtos básicos de consumo, enquanto a maioria permanece cética quanto aos seus benefícios tanto no curto quanto no longo prazo (Brenan, 2025). Do ponto de vista comercial, a *U.S. Chamber of Commerce* divulgou a reação de pequenas empresas ao aumento das tarifas, relatando que muitas delas estão sendo negativamente impactadas pelo ambiente de incerteza e pela incapacidade de absorção de custos e de adaptação (U.S. Chamber of Commerce, 2025). Nessa seara, os EUA comprometem sua legitimidade não somente no cenário internacional, mas também no doméstico, ao enfrentar crescentes constrangimentos internos que evidenciam seu desgaste. Esse processo, intensificado pelas novas políticas tarifárias, ao invés de consolidar a hegemonia, aprofunda tensões internas e corrói os fundamentos de seu poder de influência.

Por conseguinte, esse afastamento do modelo tradicional de hegemonia reforça a leitura teórica de Payne e Silver (2022), para quem os EUA passaram a exercer uma “dominação sem hegemonia”: cria-se uma ameaça para os aliados e, em seguida, apresenta-se como o único capaz de oferecer proteção. Assim, Trump impõe riscos deliberados aos seus parceiros históricos e posteriormente oferece acordos como solução, instaurando um ciclo de dependência condicionado à coerção. Em tal arranjo, a liderança americana deixa de se apoiar na legitimidade e opera sob um modelo extorsivo de proteção — dominando não pela confiança que inspira, mas pelas desordens que ela mesma origina, demonstrando indícios da falência

do sistema hegemônico norte-americano, marcado pela deterioração da relação com parceiros históricos.

Considerações finais

Apesar do pretexto de restaurar a grandeza econômica dos Estados Unidos, as medidas tarifárias de Trump revelam-se contraditórias ao minar as próprias bases da hegemonia americana — legitimidade, previsibilidade e capacidade de articulação consensual. Ao abandonar o multilateralismo e adotar práticas protecionistas radicais, os EUA colocam em xeque sua hegemonia econômica e ideacional, abrindo espaço para a ascensão de lideranças alternativas, notadamente a China, que já demonstra o fortalecimento de alianças estratégicas e o aumento de sua capacidade de influência em fóruns internacionais.

Esse movimento evidencia uma mudança sistêmica em curso, na qual a centralidade dos EUA é progressivamente contestada, tanto no plano simbólico quanto material, por potências dispostas a ocupar o vácuo deixado por sua retração. Nesse contexto, o tarifaço não somente sinaliza uma inflexão na política externa norte-americana, mas simboliza também o risco de uma transição hegemônica marcada por instabilidade, fragmentação e perda de confiança global.

Referências

ACORDO com os EUA é 'dia sombrio' para a União Europeia, diz primeiro-ministro da França. **Estadão**, [s.l.], 28 jul. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/acordo-eua-ue-franca-dia-sombrio/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

ARRIGHI, G. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio De Janeiro: Contraponto, São Paulo Ed. Unesp, 2006.

BARNES, A. "Duro golpe": UE e líderes mundiais reagem às tarifas aduaneiras de Trump. **EuroNews**, [s.l.], 3 abr. 2025. Disponível em: <https://pt.euronews.com/business/2025/04/03/duro-golpe-ue-e-lideres-mundiais-reagem-as-tarifas-aduaneiras-de-trump>. Acesso em: 1 jun. 2025.

BRENAN, M. Most Americans Skeptical About Benefits of Tariffs. **Gallup**, [s.l.], 28 abr. 2025. Economy. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/660002/americans-skeptical-benefits-tariffs.aspx>. Acesso em: 11 ago. 2025.

BUCHWALS, E. Negociação China-EUA é concluída sem acordo que evite nova alta de tarifas. **CNN Brasil**, [s.l.], 29 jul. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/negociacao-china-eua-e-concluida-sem-acordo-que-evite-nova-alta-de-tarifas/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

DAVIDSON, H. China vows to 'fight to the end' against latest Trump tariff threat. **The Guardian**, Taipei, 8 abr. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2025/apr/08/china-vows-to-fight-to-the-end-against-latest-trump-tariff-threat>. Acesso em: 1 jun. 2025.

DUBEY, V. How Donald Trump's tariffs handed Mark Carney and the Liberals an upper-hand in Canada polls. **Times of India**, [s.l.], 27 abr. 2025. Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/world/rest-of-world/how-donald-trumps-tariffs-handed-mark-carney-and-the-liberals-an-upper-hand-in-canada-polls/articleshow/120668536.cms>. Acesso em: 6 ago. 2025.

HAMMOND, E. A era de ouro dos Estados Unidos começa agora, diz Trump em posse. **CNN Brasil**, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/a-era-de-ouro-dos-estados-unidos-comeca-agora-diz-trump-em-posse/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

HARITHAS, B.; MENG, K.; BROWN, E.; et al. "Liberation Day" Tariffs Explained. **Center for Strategic & International Studies**, 2025. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/liberation-day->

Referências

tariffs-explained. Acesso em: 28 maio 2025.

HUNNICUTT, T; SHALAL, A.; CASH, J. US, China extend tariff truce by 90 days, staving off surge in duties. **Reuters**, 12 ago. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/us-china-extend-tariff-truce-by-90-days-staving-off-surge-duties-2025-08-12/> Acesso em: 15 ago. 2025

LIMA, L. Presidente do México promete retaliação aos EUA após tarifas de Trump. **Money Times**, [s.l.], 4 mar. 2025. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/presidente-do-mexico-condena-tarifas-dos-eua-e-promete-retaliacao-lils/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

LISSARDY, G. 3 sinais de que reação anti-Trump ganha força no mundo. **BBC News Brasil**, [s.l.], 17 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czel32wjnyo>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MAKIO, D. Hegemonia e crise: um estudo da posição dos EUA no sistema de estados do século XXI. **Fronteira: Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 18, n. 36, 2019.

MOODY'S rebaixa nota de crédito dos EUA e tira classificação de "AAA". **CNN Brasil**, [s.l.], 16 maio 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/moodys-rebaixa-nota-de-credito-dos-eua-e-tira-pais-do-club-de-elite-aaa/>. Acesso em: 28 maio 2025.

PAYNE, C. R.; SILVER, B. J. Dominação sem hegemonia e os limites do poder mundial dos Estados Unidos. **Caderno CRH**, v. 35, p. 247-265, 2022.

POSEN, A. Tariffs and trade wars are easy to lose. **Foreign Affairs**, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/tariffs-trade-wars-are-easy-lose>. Acesso em: 2 jun. 2025.

STRANGE, S. The persistent myth of lost hegemony. **International organization**, v. 41, n. 4, p. 551-574, 1987.

STRAUSS, D.; FOSTER, P. Donald Trump's economic plans for a second term. **Financial Times**, 6 abr. 2025. Disponível em: <https://www.ft.com/content/85eb0fcf-3234-41f0-aa58-3bc9af456513>. Acesso em: 2 jun. 2025.

THE trade deal with America shows the limits of the EU's power. **The Economist**, [s.l.], 31 jul. 2025. Disponível em: <https://www.economist.com/finance-and-economics/2025/07/31/the->

Referências

trade-deal-with-america-shows-the-limits-of-the-eus-power. Acesso em: 6 ago. 2025.

THE WHITE HOUSE. **Imposing duties to address the flow of illicit drugs across our national border**. 2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/02/imposing-duties-to-address-the-flow-of-illicit-drugs-across-our-national-border/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

THE WHITE HOUSE. **Regulating imports with a reciprocal tariff to rectify trade practices that contribute to large and persistent annual United States goods trade deficits**. 2025. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/2025/04/regulating-imports-with-a-reciprocal-tariff-to-rectify-trade-practices-that-contribute-to-large-and-persistent-annual-united-states-goods-trade-deficits/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

VEJA reações de líderes mundiais às tarifas recíprocas anunciadas por Trump. **CNN Brasil**, [s.l.], 2 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/veja-reacoes-de-lideres-mundiais-as-tarifas-reciprocas-anunciadas-por-trump/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

'A MATTER OF survival': Small Businesses Speak Out on Tariffs. **U.S. Chamber of Commerce**, 2025. Disponível em: <https://www.uschamber.com/small-business/american-workers-businesses-consumers-trade-tariffs>. Acesso em: 11 ago. 2025.

YORK, E; DURANTE, A. Trump Tariffs: Tracking the Economic Impact of the Trump Trade War. **Tax Foundation**, 16 ago. 2025. Disponível em: <https://taxfoundation.org/research/all/federal/trump-tariffs-trade-war/#timeline>. Acesso em: 17 ago. 2025